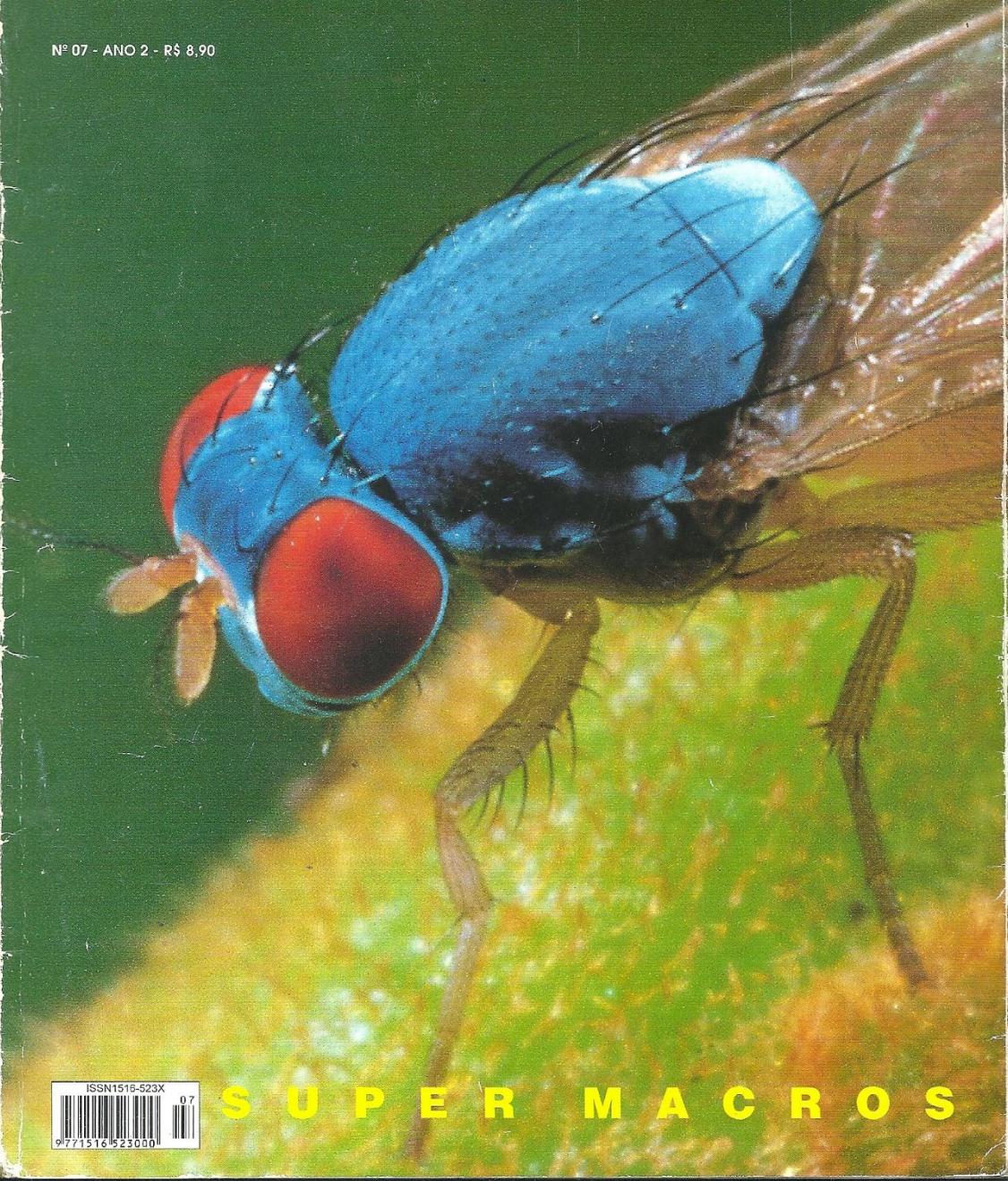


Photo&Camera

EXPLORER

MAGAZINE

Nº 07 - ANO 2 - R\$ 8,90

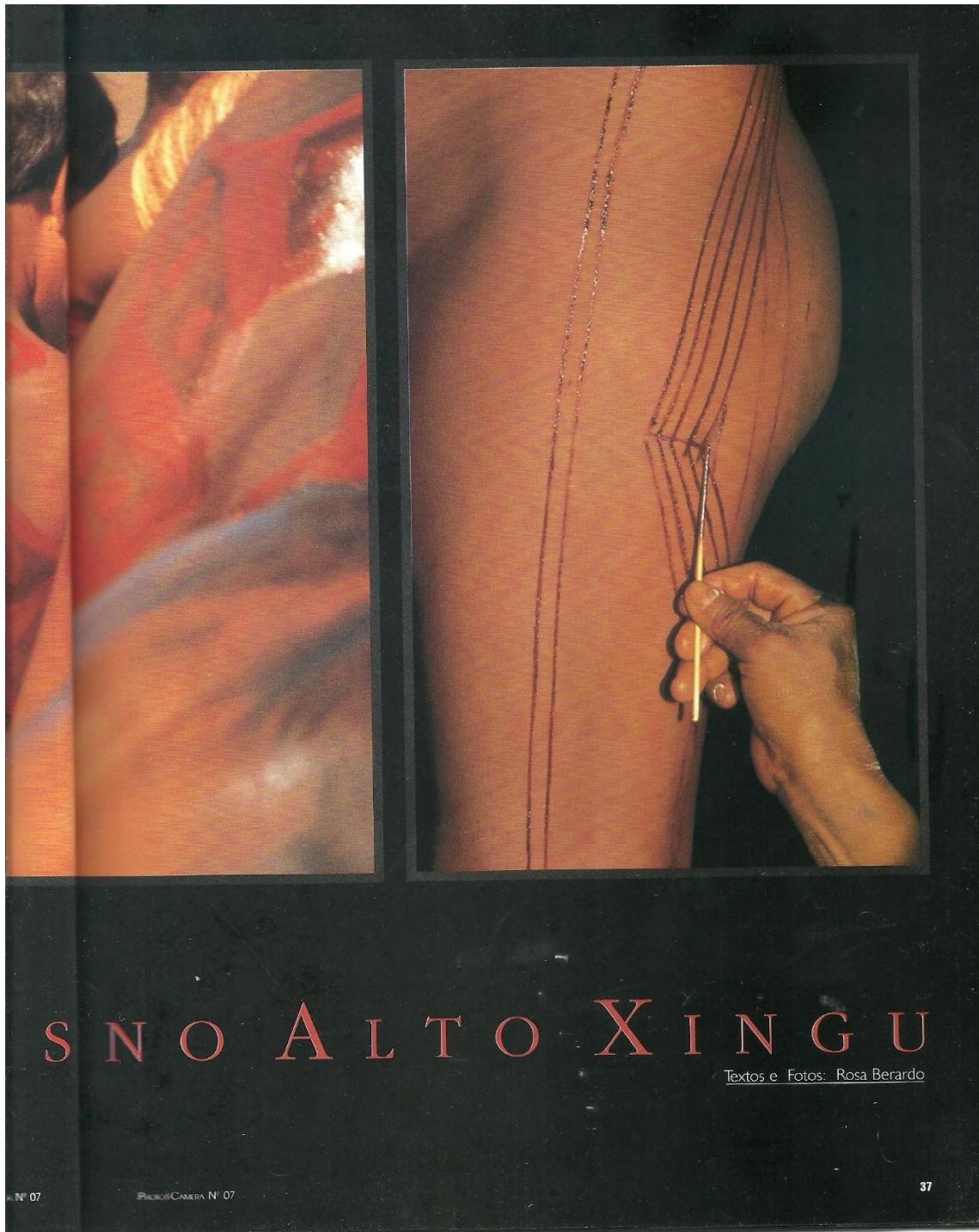


ISSN1516-523X
07
9771516_523000

S U P E R M A C R O S



EXPERIÊNCIAS



S N O A L T O X I N G U

Textos e Fotos: Rosa Berardo

Nº 07

PhotoCAMERA Nº 07

37

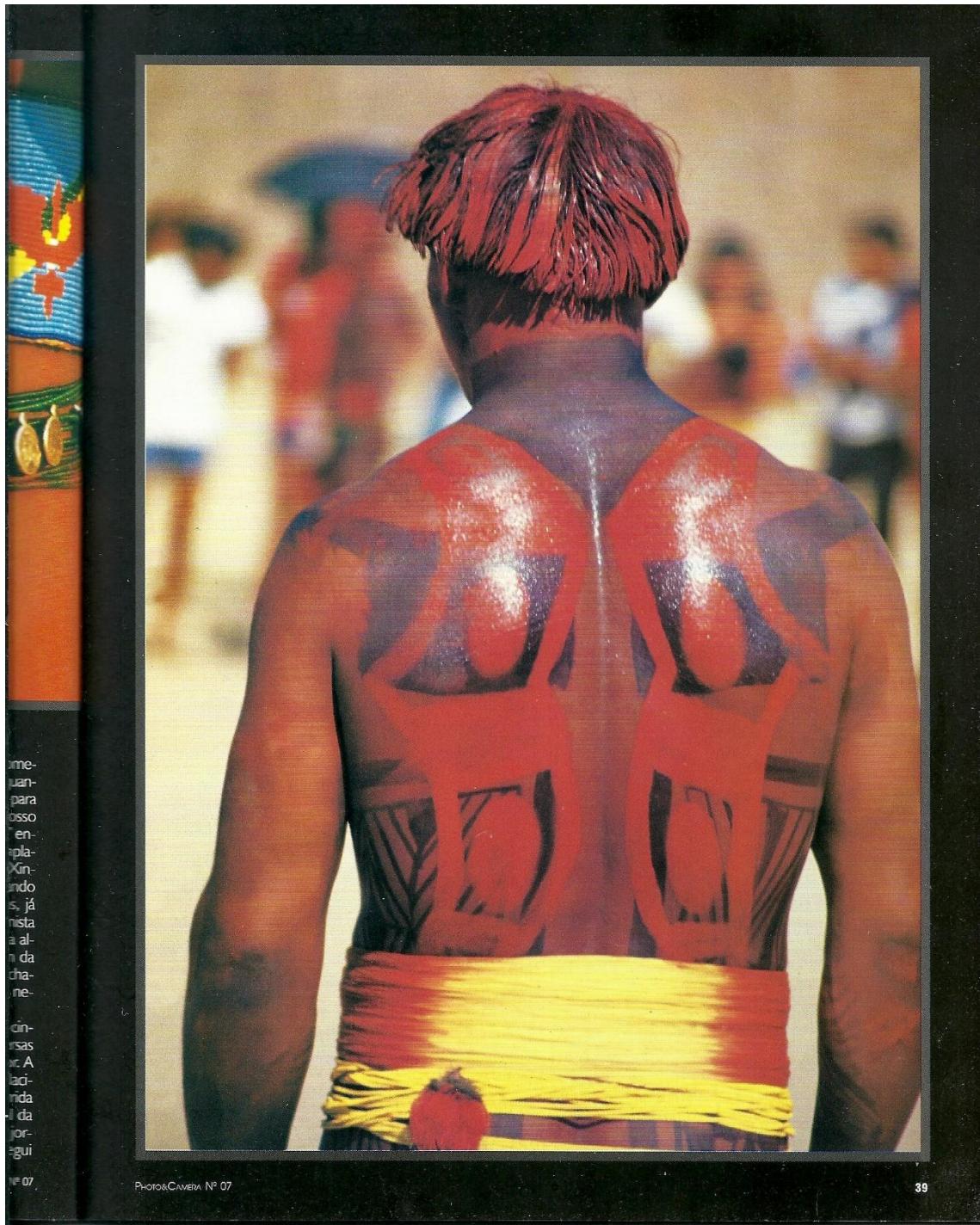


Este ano as comemorações dos 500 anos trazem à tona a imagem do índio, presente em todos os lugares. Quem nunca fotografou indígenas fica excitado com a idéia de ir a uma aldeia para produzir fotos, reproduzir imagens de um imaginário distante e misterioso só presente nos livros de História. Rosa Bérardo conviveu com índios nas aldeias do Alto Xingu por seis anos. Com sua câmera, registrou o cotidiano desses primeiros e bravos brasileiros através de um novo olhar fotográfico.

38

Minha vivência com índios começou há muitos anos atrás, quando a "contagem regressiva" para os 500 anos ainda não existia e o nosso referencial de "sermos e existirmos" enquanto brasileiros, não era tão amplamente divulgado pela mídia. Fui ao Xingu pela primeira vez em 1985, quando Raoni e outras lideranças indígenas, já preocupados com a política indigenista brasileira, realizaram um Kuarup na aldeia Yawalapiti cuja finalidade, além da homenagem a seus mortos, era chamar a atenção dos políticos para a necessidade de defesa de sua causa. Muitos fotógrafos estavam no local, cinqüenta, ao total. Vinham de diversas partes do país e também do exterior. A credencial para entrar no Parque Nacional do Xingu era bastante concorrida (veja como são os trâmites no final da matéria) e eu, ainda estudante de jornalismo naquela época, só consegui

PHOTO&CAMERA Nº 07



ome-
juan-
para
osso
en-
aplá-
Xin-
ndo
s, já
nista
a al-
n da
cha-
ne-

cin-
ras
ir. A
laci-
rida
i da
or-
egui

Nº 07

PHOTO&CAMERA Nº 07

39



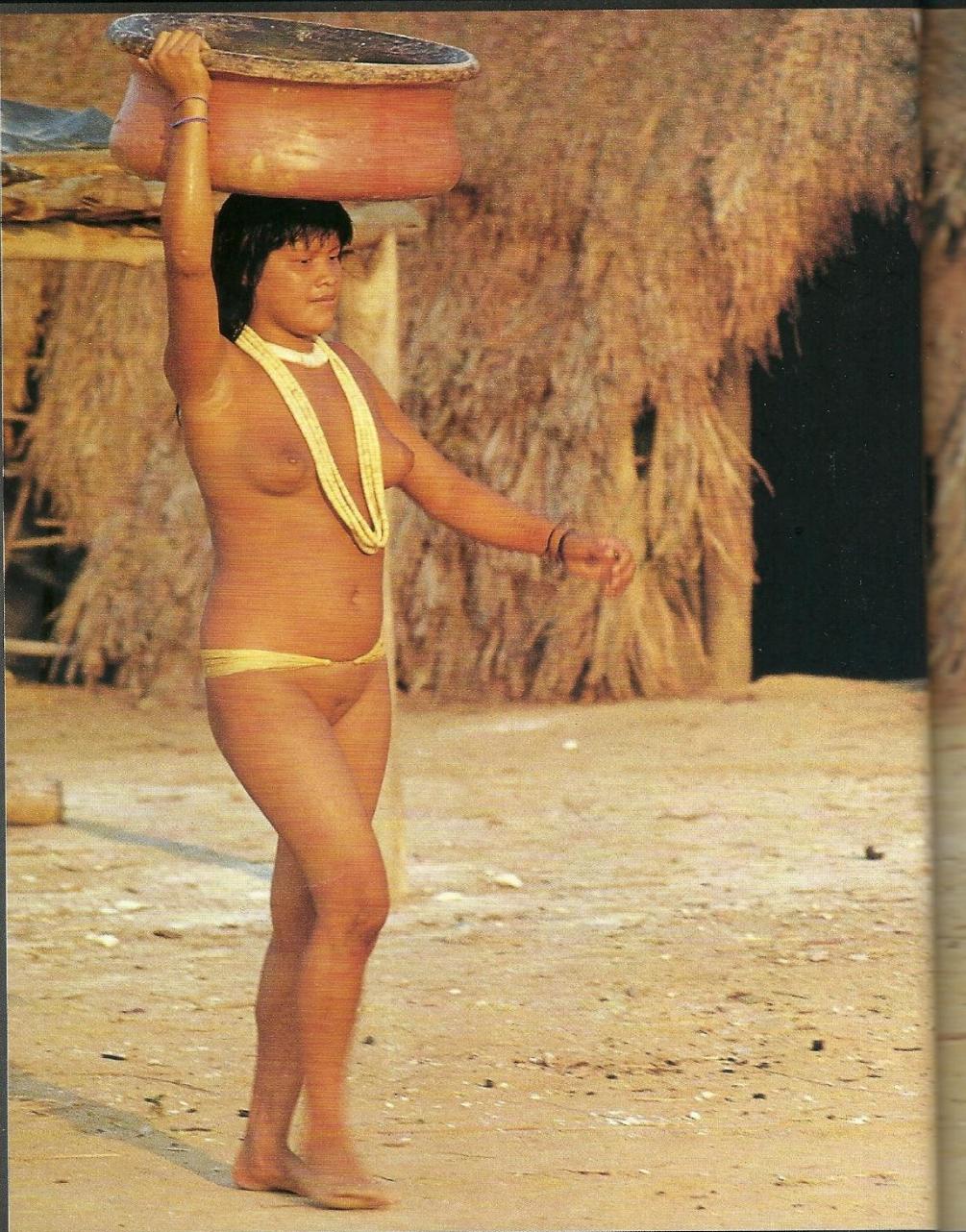
PHOTOS CAMERA Nº 07

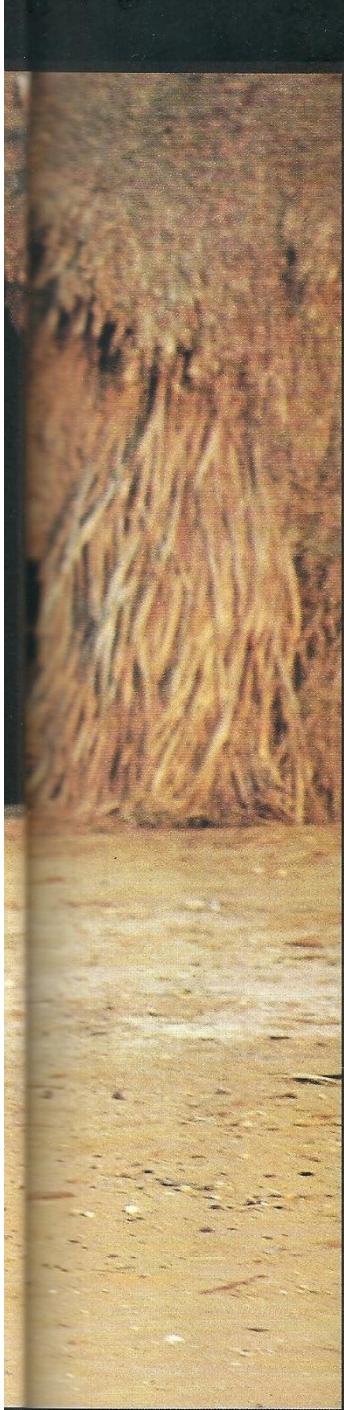
entrar com muito malabarismo. A idéia de fotografar índios era quase uma obsessão, pois durante um ano trabalhei na catalogação de fotos indígenas num museu de Antropologia e a cada imagem que catalogava, a imaginação me transportava para as aldeias. Quando consegui a autorização para entrar no Parque, quase não pude acreditar. Preparei minha Nikon F2 A, toda manual, as objetivas e muitos rolos de filme. Nas aldeias só era permitido fotografar quando o chefe Aritana autorizava. Com este aval, os fotógrafos saíam em bandos, se empurrando, disparando o obturador e suas ansiedades por todos os lados. Tentei realizar alguns registros, mas aquele clima antropofágico me angustiava. Se as pessoas acreditam nos estereótipos de índios perigosos ou canibais, é por que não conhecem bem a voracidade de alguns jornalistas... O stress para se obter a melhor imagem, com a maior rapidez possível faz com que a maioria dos fotógrafos se esqueçam da relação de respeito entre a pessoa fotografada e aquele que dispara sua câmera.

RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

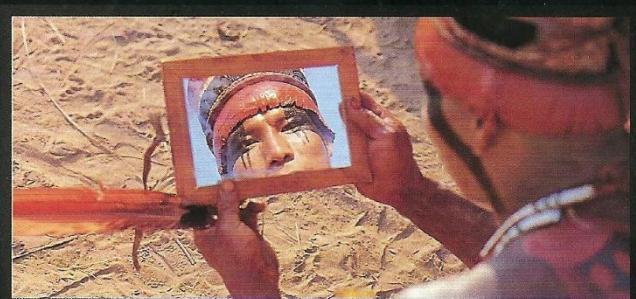
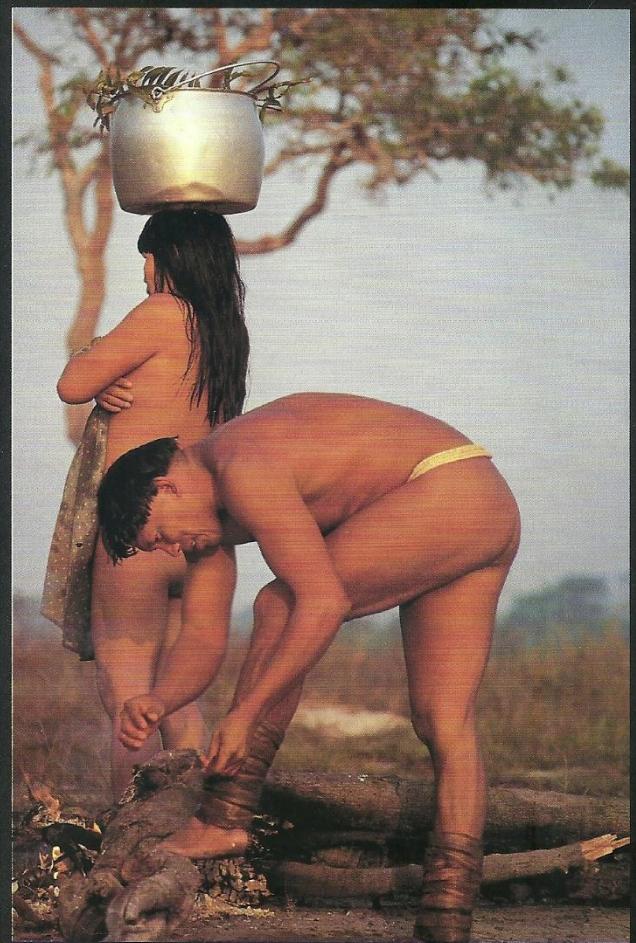
Num exercício solitário, voltei meu olhar para outros lados, esqueci os rituais e comecei a ver detalhes do dia a dia, da cultura, do comportamento dos índios. Tudo me sensibilizava muito; as diferenças culturais e físicas, os valores. Pensar que pessoas geneticamente semelhantes podem viver de maneiras tão diferentes e serem felizes segundo seus princípios, suas crenças, seus valores culturais. Acho que pela primeira vez entendi que não era o centro do mundo e nem o modelo de comportamento para conduzi-lo. Vi também que no nosso Brasil, os primeiros habitantes ainda existiam, mesmo empurrados para uma reserva na floresta, despejados de suas terras. Os brasileiros ali eram felizes sem eletrodomésticos e toda a lista de parafernálias que passamos a vida toda tentando adquirir. As reflexões tomaram corpo e durante três dias de rituais eu não pude dormir. E se tudo se acabasse e se a aculturação

41





PHOTO&CAMERA N° 07

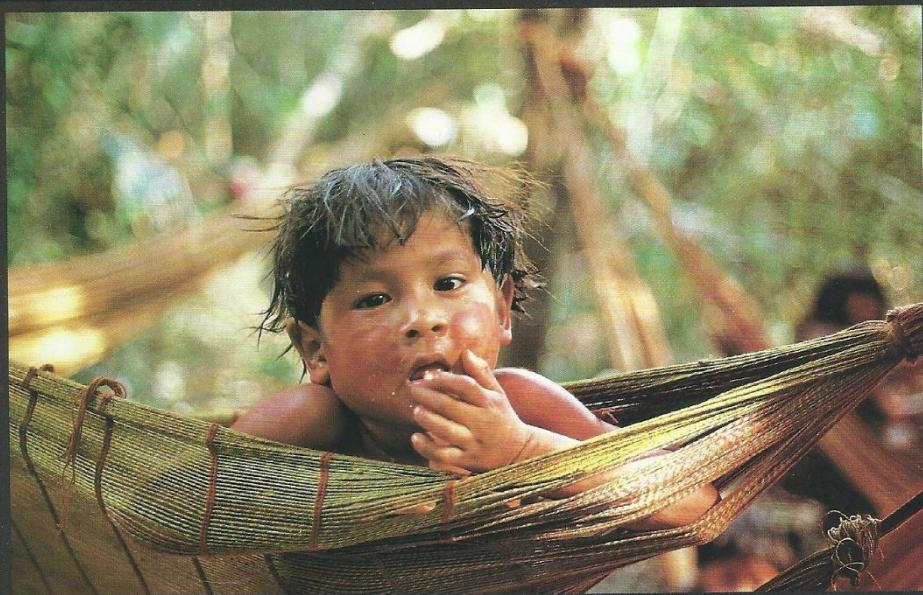


43

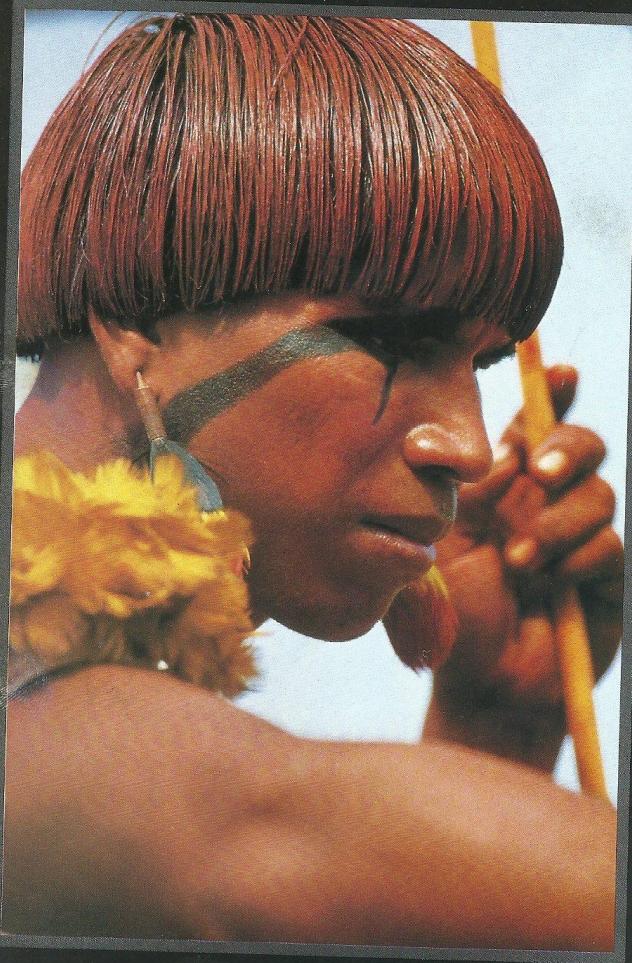
fosse mais forte? Já era impossível virar a câmera para algum lado sem enquadrar gravadores, chinelos havaianos, bacias de alumínio... E por que não fotografar esta realidade? Por que queria eu criar um índio idílico, reconstruir na câmera os cenários de Caminha? Um "Bom Selvagem" era o que os fotógrafos buscavam, mas o selvagem aculturado não é mau, o mal está na violência dos processos de aculturação. Enfim, voltei para casa e revelei as fotos, não vendi nem publiquei nenhuma, procurei os índios na FUNAI, expliquei minha preocupação em re-

gistrar a cultura deles antes que tudo mudasse. Atentos e conscientes desse problema, eles concordaram e me autorizaram a percorrer as aldeias e realizar os registros fotográficos. Este privilégio permitiu-me transitar pelas aldeias do Alto Xingu durante 6 anos. Eu ia e voltava, passando períodos de 30 a 40 dias sozinho nas aldeias 2 a 3 vezes por ano. Seria impossível dizer aqui o quanto aprendi... Talvez a maior lição tenha sido esta de respeitar as diferenças, de entender o quanto aquilo que nos ensinam nas escolas sobre o "outro" é carregado de men-

tiras e ideologia. Pude ver também que é muito simples para um fotógrafo apontar sua câmera só para aquilo que gosta ou que julga que as pessoas ficariam contentes em ver e assim, mascarar uma realidade de brusco contato de aculturação como esta que presenciei. As fotos bucólicas, se existem à nossa frente, por que não fazê-las? Mas por que esconder, tirar do quadro a imagem do índio aculturado? Por que se negar a denunciar e concordar em compactuar com a reprodução de imagens falsas e estereótipos indígenas que remontam des-







de a passagem dos primeiros viajantes pelo Brasil?

O poder da câmera talvez seja desconhecido por aqueles que a usam. Talvez a pressa, a manchete, a vaidade, a antropofagia visual sejam responsáveis pelos engodos dos indigestos textos visuais que são publicados como verdades acabadas. Mas nada é mais inacabado que uma imagem quando nos damos conta que precisaríamos de muitos mosaicos para conseguir um panorama complexo sobre o assunto retratado. No Xingu a cada dia eu me dava conta da infinitude de detalhes, riquezas culturais que a pobreza dos enquadramentos não conseguiam abranger. Sem megalomania

tentei fazer o que pude, dentro dos limites do quadro fotográfico e dos meus.

EUFÓRIA E IMPRUDÊNCIA

A euforia de chegar a uma aldeia com duas câmeras fotográficas, uma Nikon FM2 e uma F2 A, 50 rolos de filmes e todo um mês pela frente, levava-nos às vezes a cometer imprudências. Logo que cheguei na aldeia Kukuro fui brincar com as crianças, muito amáveis e gentis. Vários meninos e meninas correram para uma lagoa onde havia uma velha árvore seca com os galhos fora d'água. Aquela árvore cheia de crianças índias, a luz, o reflexo deles na água foi me levando a entrar na lagoa com as câmeras no pes-

coço. A água na cintura não me incomodava e eu só conseguia olhar através do visor, fazendo ajustes de luz e enquadramento. De repente, senti uma dor tremenda na perna, bati contra um galho submerso e eu e os equipamentos fomos para dentro da lagoa. Câmeras e lentes mergulhadas no barro do fundo. Não sabia se cuidava da perna ou das máquinas e acabei conseguindo pegá-las. Que angústia! Logo no primeiro dia, no primeiro filme, nas primeiras fotos.... Abri as câmeras. Os filmes que estavam dentro molharam, as objetivas encharcadas e a cortina cheia de barro. Tentei lavar e deixar ao sol para secar, mas não consegui fazê-las funcionar novamente. As crianças índias contavam para os adultos na aldeia que eu estava triste: "Rosa triste, câmera morreu". Por dias fiquei na rede, com febre, não conseguia me conformar pois sempre quis visitar esta tribo que na época, era a menos aculturada do Parque. Era impossível sair de lá e voltar à cidade para buscar outras câmeras. Nada de gasolina para os barcos, nem local para comprá-la. Nada de estradas, só floresta e rios. Nada de registros, só vivências.

SEM RETRATOS, COM VIVÊNCIAS

As mulheres índias cansaram de me ver deprimida esperando o avião da FUNAI que viria ao Parque apenas 30 dias depois para me buscar, como combinado. Pintaram-me o corpo e começaram a me ensinar a fazer artesanatos, tecer fios das folhas de buriti e com eles fazer uma rede ou esteiras. Preparar o beiju de mandioca, base da alimentação dos índios. A distância entre eu e os modelos fotográficos foi quebrada, as objetivas não mais nos separavam nem aproximavam as pessoas sem que eu me deslocasse até elas. Explicar e conhecer o outro através da lente é muito mais fácil, pois não implica envolvimentos. A proximidade e a experiência das vivências nos fazem perceber coisas que às vezes a imaginação camufla. A luz de uma fogueira refletida no corpo ou rosto dos índios não nos dá a mesma compreensão da necessidade do fogo para aquecer os corpos sem roupas ou preparar os alimentos que nutrem a família. Sem a câmera nas mãos, com o corpo desprotegido pelas roupas, manter uma fogueira acesa perto da rede durante a noite é fundamental para se aquecer. A água, mais do que um elemento estético para as fotos, é a fonte da vida. Custa muito esforço às mulheres índias o transporte de panelas

cheias d'água da lagoa até as malocas que ficam a uns 600 metros da aldeia. Baldear água é uma tarefa que cabe às mulheres desde muito crianças. Era bastante diferente sentir o peso de uma panela que carregava do que o click que disparava para fotografar esta atividade. Os dias se passaram e o avião chegou um mês depois para buscar um doente. Conseguí carona para voltar até Brasília sem nenhuma foto na mala. Ao invés de retratar a realidade, tive que vivê-la, um exercício que o ato fotográfico às vezes nos poupa pela sua impessoalidade, pelo distanciamento. Uma imagem ampliada, por mais emocionante que seja, não é capaz de nos fazer passar por aquela experiência. É um tempo morto que não passa das bordas do papel fotográfico. Não quero dizer que todo fotógrafo tem dificuldade em viver seus momentos de vida e por isso precisa congelá-los. Mas é importante questionarmos a maneira como interagimos com o mundo e a facilidade que o mecanismo fotográfico nos oferece para lidar com a realidade de uma maneira particular, devido a sua própria estrutura física. A fotogênese e a criogenia (congelamento de corpos), partem de desejos semelhantes, ambos lutam contra a fugacidade da vida, ambas técnicas espelham as dificuldades humanas em lidar com as perdas, com a finitude das coisas. Quando as imagens se emboloram comidas por fungos, quando um filme se queima, quando a câmera emperra e não dispara, quando um corpo não acorda ao ser descongelado, a sensação de vida se faz mais presente, pois somos obrigados a engolir a seco nossa onipotência e admitir que o dom da vida é para ser vivido e não colecionado ou reproduzido. Depois de alguns meses pude voltar ao Xingu para realizar as fotos, sem acidentes e com uma visão do índio já bastante diferente da anterior".

O QUE LEVAR PARA UMA ALDEIA?

Acondicionamento do equipamento: Bolsa hermética para a câmera e os filmes que evite a entrada de poeira e água. Se você for de barco há o risco deste virar, por isso é preciso que sua bolsa flutue. Nunca deixe a câmera fora da sacola quando estiver sem fotografar, pois a falta de combate às baratas torna as aldeias um paraíso para estes insetos que entram nas câmeras e as danificam.

FILMES:

A ansiedade da primeira visita faz com que o fotógrafo dispare sem parar e quando

vê um assunto interessante o filme está quase no final, então previna-se, leve no mínimo 30 rolos de filme. É preciso ter filmes de ISO 100 ou 50 para a luz do dia, que no geral é muito intensa. Para ambientes fechados como as malocas é necessário um filme mais sensível, ISO 400 ou 1600. Durante à noite a luz das fogueiras permite imagens muito bonitas com estas películas. Geralmente levo filmes coloridos e preto e branco, pois há temas que ficam melhor em p/b e outros a cores.

Equipamentos:

Leve 2 corpos de câmera para ter opção de película. Uma pode estar carregada com P/B e outra colorido. Se houver acidentes, você terá uma câmera de reserva, nestas regiões tudo é possível.

OBJETIVAS:

As grande angulares, 24 ou 28 mm são bastante necessárias pois a profundidade de campo permite mostrar uma gama maior de informações no campo fotográfico. Uma lente 50mm também é útil para ambientes fechados, pois tem boa luminosidade, caso sua grande angular seja mais escura. Não deixe de levar uma Zoom 70-210 ou 70-300mm para não perturbar os rituais ou atividades do dia-a-dia dos índios, estes nem sempre gostam de ser incomodados e se você se mantiver longe nestas situações não irá perturbá-los.

FILTROS:

Um filtro polarizador pode corrigir o excesso de luz que estoura a textura das

fotos. A terra dos pátios das aldeias reflete muita luz e só fica com um colorido quente se fotografado nas primeiras ou últimas horas do dia. Como nem sempre os temas a serem fotografados acontecem apenas nestes períodos de luz equilibrada, é bom ter a ajuda de um filtro para corrigir problemas de intensidade luminosa. Deixe sempre um filtro UV na lente para protegê-la da poeira e das digitais das pessoas. Como nem sempre os índios vêm câmeras tão equipadas, não irão resistir a vontade de manipulá-las.

COMO CONSEGUIR AUTORIZAÇÃO PARA IR A UMA ALDEIA?

Primeiro você precisa redigir um projeto que justifique sua visita, com objetivos e justificativas. Se for pesquisador, especificar sua pesquisa. Envie o pedido à FUNAI, em Brasília. Um departamento encarregado do assunto fará a análise do pedido e o discutirá com o chefe da aldeia a ser visitada. O importante é se lembrar que a presença de brancos nas tribos incomoda a rotina e leva até eles nossas influências. Vá apenas se for necessário, a aldeia não é um ponto turístico, mas um local onde existe uma cultura diferente e bastante frágil ao contato com nossa civilização. Boas fotos é muito respeito nesta interação!

Rosa Berardo

Professora de Fotografia da UFG-
Universidade Federal de Goiânia
berardo@cultura.com.br

